



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 11, número 1, jan.-abr. 2022

## SOB A ÓTICA DA NORMA CULTA: UM ESTUDO DE ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS NA ESCRITA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS



## FROM THE PERSPECTIVE OF THE CULTURE STANDARD: A STUDY OF MORPHOSYNTACTICAL ASPECTS IN THE WRITING OF UNIVERSITY STUDENTS

Giovanna BARDINI  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

Vivian ANTONINO  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS  
RECEBIDO EM 30/10/2021 • APROVADO EM 19/04/2022

---

### Resumo

---

Coseriu (1979), esquematizando a heterogeneidade estrutural linguística, define norma a partir da normalidade nas diversas comunidades de fala, em que o falante se situa por suas formas linguísticas e pelo amontoado de valores socioculturais que favorecem uma formação identitária. O Projeto da Norma Urbana Culta (NURC) aponta, após a formação da linguagem urbana comum, a norma culta como a variedade linguística de falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações de maior monitoramento, e participantes de grupos economicamente e socialmente privilegiados. Assumindo que o grau superior de escolarização influencia no domínio de competências da norma culta, a

pesquisa analisa, a partir de produções escritas de discentes de diferentes semestres do curso de Letras da UESB, *campus* de Jequié, a trajetória de construção de uma norma culta com base em um olhar variacionista da língua, considerando-a, conforme a sociolinguística, um sistema heterogêneo e sistematizável. (FARACO, 2008; MOLLICA, 2010; SCHERRE; NARO 1997). Consentida pelos estudantes, realizou-se uma coleta de dados socioculturais, objetivando a contextualização da realidade estudantil. Ao analisar os dados, levantaram-se todos os desvios de norma culta encontrados em níveis ortográficos, estruturais, morfológicos e sintáticos. Das categorias analisadas, os níveis morfossintáticos apresentaram maior destaque, com desvios de concordância verbal e nominal, regência nominal e verbal e colocação pronominal. Portanto, notou-se, em divergência à hipótese levantada, que as tendências ao desvio de norma culta oscilam dos primeiros semestres ao término da graduação, revelando como há a manutenção dessas ocorrências influenciadas pelo contato mais próximo com a linguagem urbana comum.

---

## Abstract

---

Coseriu (1979), outlining the linguistic structural heterogeneity, defines a norm based on the normality in the various speech communities, in which the speaker is situated by linguistic forms and by the mass of sociocultural values that favor an identity formation. The Standard Urban Norm Project (NURC) points out, after the formation of the common urban language, the cult standard as the linguistic variety of urban speakers with complete higher education, in situations of greater monitoring, and participants from economically and socially privileged groups. Therefore, assuming that higher education influences the domain of competences of the cult standard, the research analyzes, from the written productions of students from different semesters of the Letters course at UESB, Jequié campus, the trajectory of the construction of a cult standard based on a variationist look at language, considering it, in keeping with sociolinguistics, as a structured heterogeneity. (FARACO, 2008; MOLLICA, 2010; SCHERRE; NARO 1997). With the consent of the students, a collection of sociocultural data was carried out, aiming to contextualize the student reality. When analyzing the data, all deviations from the cult standard found in orthographic, structural, morphological and syntactic levels were raised. From the analyzed categories, the morphosyntactic levels were more prominent, with deviations from verbal and nominal agreement, nominal and verbal regency and pronominal placement. Therefore, it was noted, in disagreement with the raised hypothesis, that the trends to deviate from the cult standard oscillate from the first semesters until the end of graduation, revealing how there is the maintenance of these occurrences influenced by the closer contact with the common urban language.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Análise sociolinguística. Norma. Morfossintaxe.

**Keywords:** Sociolinguistic analysis. Norm. Morphosyntax.

---

## Texto integral

---

### Introdução

A partir de uma visão da variação como inerente à linguagem, é de comum acordo, conforme os preceitos sociolinguísticos, que línguas e dialetos são igualmente eficientes para a função a que se destinam: a comunicação. Por essa via,

o presente trabalho tem o objetivo de apresentar, com base em um *corpus* coletado a partir de textos produzidos por universitários de Letras do primeiro, terceiro, quinto e sétimo semestres, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, a hipótese de que, refletida na escrita, os discentes de uma graduação, sobretudo em Letras, adquirem, por influência da formação em um ensino superior, uma significativa consolidação da norma culta em sua competência comunicativa.

Durante a pesquisa, após analisar o *corpus* reunido, percebeu-se que os aspectos morfossintáticos possuíram maior evidência, por isso, as ocorrências envolvendo casos de concordância verbal e nominal, de regência nominal e verbal, de colocação pronominal e do emprego da crase se tornaram objeto de análise no trabalho em questão ao contabilizarem, juntas, 390 ocorrências. Desse modo, ao traçar a trajetória de construção de uma norma culta baseada em um olhar variacionista da língua, será possível vislumbrar como se configura, na prática, a reprodução de uma normatividade gramatical que, por muitas vezes, não é vernacular para a maioria dos estudantes.

### Fundamentação teórica

O conceito de norma pode ter duas acepções: aquilo que se define por costumeiro, habitual, logo, normal, ou aquilo que se refere ao sistema ideal de valores impostos, pré-estabelecidos e, portanto, normativos. Assim, essa ambivalência existente no termo “norma” permite afirmar que a norma linguística se caracteriza pelo conjunto de padrões linguísticos de uma língua, desde o usual aos pré-estabelecidos. Inspirado na dicotomia saussuriana *langue e parole*, Duarte (2001) discute a definição de norma, a partir de Eugenio Coseriu, pelo que é tradicionalmente dito pelo falante, isto é, a normalidade nas diversas comunidades de fala, nas quais o falante pode se situar não só pelas formas linguísticas, mas principalmente pelo amontoado de valores socioculturais que ali se inserem e contribuem para a formação identitária.

A subdivisão da norma linguística proposta por Coseriu se dá por norma objetiva e norma subjetiva. A primeira condiz com os padrões usuais, comuns e observáveis dos usos linguísticos de certa comunidade. Já a segunda se relaciona ao sistema de valores por meio do qual o falante de determinada comunidade tem o seu desempenho linguístico avaliado conforme as regras de prescrição. Por diferentes adjetivos serem adjungidos à palavra norma, como rural, culta, informal ou popular, qualificou-se o termo para corresponder aos diferentes modos de empregar a língua, enfatizando o seu caráter heterogêneo.

Dentro dessa subdivisão cunhada por Coseriu, há a possibilidade de diferenciar quatro tipos de norma, que são, hoje, amplamente utilizadas pela sociolinguística. A norma-padrão, assim como a norma subjetiva, corresponde às formas linguísticas, às regras ideais, prescritas pela tradição gramatical, sendo apropriada conforme há o aumento da escolaridade. A *norma culta* está associada à norma objetiva, verificada na fala e na escrita de indivíduos escolarizados, com nível superior completo<sup>1</sup>, sendo a que mais se aproxima do padrão normativo. A *norma semiculta*, relativa às formas linguísticas efetivamente utilizadas na fala e na

---

<sup>1</sup> Este conceito já vem sendo revisto para se adequar melhor à nova realidade social, no entanto, aqui, optamos por manter esta definição mais tradicionalmente conhecida.

escrita de indivíduos com escolarização completa até o ensino médio, associa-se à norma objetiva, aos usos reais da língua. Por fim, o último tipo diz respeito à *norma popular*, isto é, às formas linguísticas características de falantes com pouca ou nenhuma escolarização, sendo o emprego da língua mais distante do padrão normativo estabelecido (LUCCHESI, 2015).

Atendo-nos, com maior rigor, ao conceito da norma culta, é necessário se atentar ao adjetivo *culta*, que se restringe à cultura escrita. De acordo com Faraco (2008), a expressão *norma culta* é entendida como a norma linguística existente em determinadas situações - aquelas que exigem maior grau de monitoramento, por grupos sociais que têm estado mais diretamente relacionados com a cultura escrita, ou seja, aqueles privilegiados não só economicamente, mas socialmente, por possuírem domínio da cultura letrada. Em consonância, o Projeto da Norma Urbana Culta (NURC) reitera que a norma em questão conceitua-se como a variedade linguística de falantes urbanos que possuem escolaridade superior completa.

Nesse sentido, a hipótese inicial é a de que a escrita de indivíduos graduados atenda ou se aproxime da norma culta, caracterizada como a norma linguística praticada por grupos economicamente e socialmente privilegiados em situações de maior grau de monitoramento, como é o caso da escrita de trabalhos acadêmicos. Vale destacar que os diversos gêneros de textos utilizados para a análise neste trabalho foram produções destinadas a serem realizadas em casa com, teoricamente, tempo hábil para planejamento, monitoramento e revisão dos usos da escrita, além da possibilidade de possuírem acesso a editores de texto para computador, como os corretores automáticos.

Isso posto como verdade absoluta, esperar-se-ia o emprego de estruturas padrão dos grupos mais escolarizados e mais sensíveis à diversidade linguística em relação à necessidade de adequação dos usos alternativos em estilos e gêneros de grau diferenciado de formalidade tanto na fala quanto na escrita. A realidade é, contudo, muito mais complexa. (MOLLICA, 2010, p. 29).

Portanto, partindo do pressuposto de que o grau superior de escolarização influencie no domínio de competências da norma culta, o presente trabalho, a partir da análise das produções escritas de discentes pertencentes a distintos semestres durante da graduação em Letras, tem como finalidade traçar a trajetória de construção e solidificação de uma *norma culta* baseada em um olhar variacionista da língua, considerando-a, segundo as propostas sociolinguísticas, como um sistema heterogêneo e passível de sistematização. Segundo Faraco (2008), é impossível desassociá-las:

Primeiro, porque as mudanças, como bem demonstra a linguística histórica, nunca alteram a plenitude estrutural de nenhuma das variedades da língua. Elas passam sim por contínuas reconfigurações estruturais, mas nunca perdem seu caráter estruturado. (FARACO, 2008, p. 71).

Contudo, no Brasil, é vivenciado um impasse no que tange à democratização da cultura escrita, pois, diferentemente dos países europeus que, influenciados pela demanda da economia industrial, universalizaram a educação primária de quatro anos, em terras brasileiras, por outro lado, esse ideal se faz distante. Movida por uma economia agrária tradicional que colocou o país cinquenta anos atrás das sociedades industriais, a escrita no país tropical de Jorge Ben Jor, além de ser um bem cultural restrito, contribui para ser um fator de discriminação social, cultural e econômica.

A partir desse cenário, vale ressaltar a visão estigmatizada que atinge o modo de comunicação dos indivíduos posicionados em classes sociais mais baixas o qual, desprestigiado, é alvo de críticas por gramáticas e manuais prescritivos que, enfatizando o padrão culto, encaram e reduzem-no, por muitas vezes, a um *erro* que deve ser derrocado do vernáculo dos falantes. Dessa forma, de acordo com uma perspectiva histórica e social além da abordagem linguística, será possível a definição de *norma culta* segundo Faraco (2008, p. 71):

A expressão norma culta/comum/standard [...] designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso de falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita. Esse vínculo com os usos monitorados e com as práticas da cultura escrita leva os falantes a lhe atribuir um valor social positivo, a recobri-la com uma capa de prestígio social.

Embora haja a polarização da língua portuguesa visivelmente atuante na sociedade brasileira, existe, atualmente, uma tendência ao nivelamento linguístico das duas normas, tendo suas raízes no século XIX, com a abolição da escravatura e os processos que concernem à urbanização. Essa tendência se reafirma graças ao constante contato entre os falantes das duas normas aliado ao maior acesso da população à escolarização formal. Desse modo, há uma aproximação desses traços da norma popular ao se misturarem na fala de pessoas plenamente escolarizadas, ao passo que traços da norma culta também se inserem na fala de pessoas com baixa ou nenhuma escolaridade. Logo, a partir dessa noção de variação existente em todos os níveis sociais, Maria Cecilia Mollica pondera que

Nem sempre variedades de prestígio, com alta cotação de mercado, são necessariamente assimiladas pelos falantes. Há casos que, por razões outras, constituem mudança em curso e, por isso, os padrões linguísticos devem ser compreendidos também pela sua natureza dinâmica. Esse é um dos motivos pelos quais não necessariamente os movimentos dos indivíduos na direção de ascensão social redundam na apropriação de recursos linguístico-discursivos monitorados. (MOLLICA, 2010, p. 30).

Assim, apesar das tendências ao nivelamento existirem, o uso das normas linguísticas passa por um processo de valoração social, ou seja, há associação dos usos da língua às condições socioeconômicas do falante em vez das características linguísticas. Sob essa perspectiva, a norma popular tende a ser estigmatizada em virtude da discriminação social ocultada pelo preconceito linguístico, e embora a

norma culta também cometa desvios ao padrão, não recebe a mesma conotação negativa pelo fato de ser utilizada pela parcela da população mais escolarizada.

Contudo, na contramão, ainda se faz recorrente a confusão entre os conceitos de norma culta e norma-padrão. A partir da necessidade de uma língua unificada, comum a todos os falantes, surge nos fins do século XV, na Europa, o conceito de norma-padrão, que atenuava as barreiras regionais e sociais presentes na língua.

A norma-padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística. (FARACO, 2008, p. 73).

Dessa forma, diferentemente da *norma culta*, que se caracteriza como uma variedade linguística presente em certos contextos de determinados segmentos sociais, a norma-padrão atua como uma referência que possui finalidades uniformizadoras.

## Metodologia

A presente pesquisa se insere no âmbito das investigações de base qualitativa. O trabalho realizou-se através de uma amostra aleatória de textos de gêneros distintos coletados do primeiro, terceiro, quinto e sétimo semestres do curso de licenciatura em Letras, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié. Para isso, houve, além da permissão dos estudantes para a análise anônima dos seus escritos, através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a aplicação de um questionário sociocultural aos informantes da pesquisa, os quais permitiram compreender o desenvolvimento da norma culta na escrita formal em trabalhos acadêmicos elaborados pelos discentes de Letras da unidade de ensino superior citada.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa contribuiu para que, através da coleta da amostragem e do estudo de particularidades e experiências individuais de um grupo, houvesse a sistematização de hipóteses e a compreensão aprofundada das ocorrências. No entanto, vale ressaltar que houve certo caráter quantitativo nessa pesquisa, uma vez que, ao longo das análises, números e porcentagens serão apresentados decorrentes do processo de codificação utilizado, com o intuito de contribuir para a melhor visualização e interpretação dos resultados alcançados. Para a estruturação do estudo em questão, portanto, três etapas metodológicas foram seguidas:

Na primeira etapa, houve a elaboração de um questionário sociocultural a fim de contextualizar a realidade desses discentes. Assim, aleatoriamente selecionados, 40 graduandos do curso de Letras responderam perguntas voltadas para a sua identificação social, como gênero, faixa etária, ocupação e procedência escolar e seu comportamento estudantil, como tempo de leitura diária, quantidade de livros lidos anualmente, usos da escrita e participação em atividades complementares de leitura e/ou produção textual. Dessa forma, há o intuito de os resultados moldarem-se pelo contexto dos informantes da pesquisa, permitindo generalizações dos resultados em uma escala específica e particular.

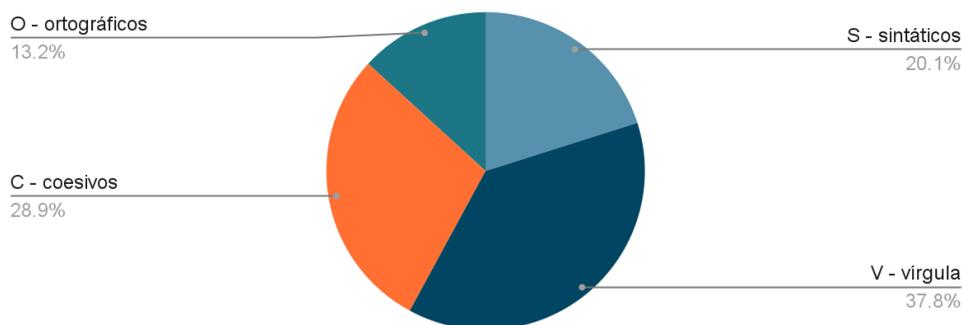
Na segunda etapa, após a seleção aleatória de *corpus*, bem como a sua digitalização e transcrição, se deu, durante a primeira análise dos documentos selecionados, a sinalização dos desvios conforme a norma-padrão. Como foram escolhidos semestres distintos, houve a presença de textos de diversos gêneros, desde respostas de questões, as quais exigiam breves dissertações, até a elaboração dos projetos de estágio. Após a análise, realizou-se a separação das ocorrências em quatro grandes quadros de maior recorrência: desvios sintáticos, ortográficos, estruturais e morfológicos. Por conseguinte, na terceira etapa, deu-se a codificação dos dados, bem como o seu processamento estatístico, uma vez que os dados quantitativos apresentados servem de subsídio à apreciação qualitativa, com o intuito de sinalizar aspectos relevantemente concernentes ao ensino e à aprendizagem da norma culta no ambiente acadêmico.

É válido reforçar a dificuldade em atribuir um determinado fenômeno linguístico à classificação morfológica ou sintática, uma vez que há uma grande relação de dependência entre eles. Dessa forma, ao avaliar certa manifestação de variável, é necessária a realização de uma análise cuidadosa a fim de identificar os possíveis níveis da gramática que correlacionam o seu uso.

### Análise de dados

Os fenômenos observados nos textos coletados indicam a recorrência de desvios relativos aos aspectos ortográficos, morfossintáticos, à coesão textual e ao emprego da vírgula, especificamente, como demonstrados pelas correspondentes porcentagens dispostas no gráfico 1 abaixo.

**Gráfico 1** – Aspectos gerais.



**Fonte:** Elaboração própria.

Nota-se, a partir dos resultados, que os desvios relativos aos aspectos ortográficos corresponderam a 13.2%, abarcando fatores concernentes à divisão e acentuação silábica, ao emprego incorreto de sinais gráficos como trema, hífen e aspas e aos desvios ortográficos, como mal/mau, a troca do *s* pelo *z*, *x* pelo *ch* ou *r* pelo *l*. Em relação aos aspectos coesivos, com 28,9% de ocorrências, levaram-se em consideração questões que prejudicavam a progressão textual, como o fenômeno do gerundismo e queísmo, a ausência de paralelismo, as pontuações inadequadas, os períodos longos e a escolha inadequada de estruturas e termos, como conectivos, conjunções e emprego de pronomes relativos que dificultavam o

entendimento. No que tange ao uso da vírgula, diversos fatores, principalmente sintáticos, contribuíram para a ocorrência de 37,8% utilizações inadequadas em relação aos dados totais. Assim, a pontuação não isolando o aposto, separando o sujeito do verbo e este do complemento, sem estar presente antes das orações intercaladas, pospostas, adjetivas explicativas e que possuíam adjuntos e locuções adverbiais extensos, se fizeram recorrentes. É possível observar tais variáveis nos exemplos a seguir, retirados do *corpus*.

a) Divisão e acentuação silábica:

1) [...] A educação publica (F1)<sup>2</sup>;

b) Emprego incorreto de sinais gráficos como trema, hífen e aspas:

2) [...] No filme mãos talentosas, do diretor Thomas Carter(F1);

c) Desvios ortográficos:

3) [...] consegue usufluir do mesmo em vários aspectos (F1);

d) Fenômeno do gerundismo e queísmo:

4) [...] Ernesto, filho de um visconde com uma preta, que após a morte da mãe, que fora abandonada por seu pai, se entregou ao vício em álcool e era ajudado por Florêncio. (F3);

e) Ausência de paralelismo:

5) [...] que giram em torno do preconceito racial, ø diferença de classe, do preconceito religioso e ø sofrimentos do povo negro no Brasil. (F3);

f) Pontuações inadequadas:

6) [...] continua nos lembrando da missão da literatura neste mundo; nos libertar do preconceito e das injustiças sociais. (F3);

g) Escolha inadequada de termos, como conectivos, conjunções e emprego de pronomes relativos que dificultavam o entendimento:

7) [...] O homem tinha apenas duas amizades, o violinista Ricardo Coração dos Outros e Lúcia, casada com um homem rico e que tinha contatos na alta sociedade, [também era sua afilhada.] (F3);

h) Pontuação não isolando o aposto, separando o sujeito do verbo e este do complemento, sem estar presente antes das orações intercaladas, pospostas, adjetivas explicativas e que possuíam adjuntos e locuções adverbiais extensos:

8) [...] a disciplina de Estágio Supervisionado II, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, do Departamento de Ciências Humanas e Letras[,] tem por objetivo colocar o discente do curso de Letras 2016.1 (M4);

---

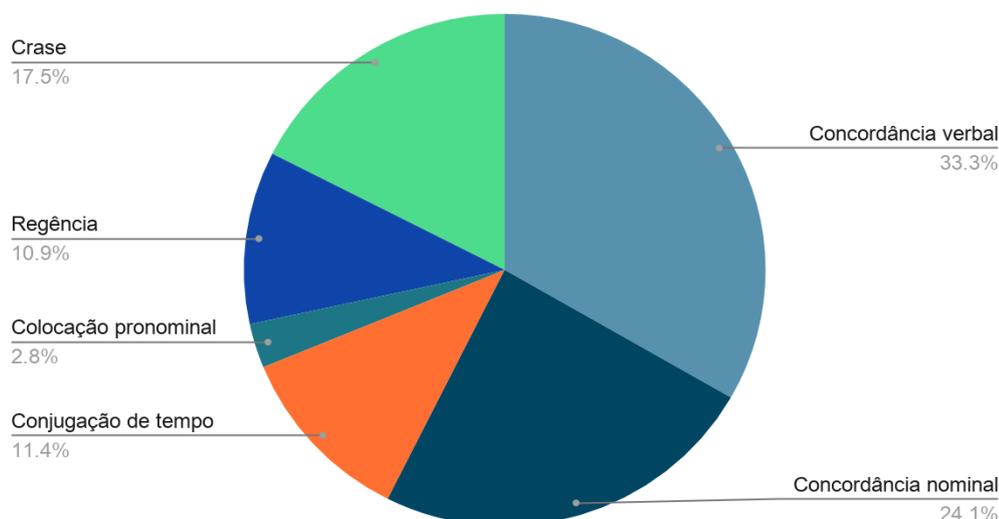
<sup>2</sup> O código após os exemplos serve para identificar o gênero (F para feminino e M para masculino) e o semestre em que se encontra o informante da pesquisa (1, 3, 5 ou 7).

- 9) [...] a importância dos períodos de observação e coparticipação de acompanhamento das aulas de Língua Portuguesa e Redação[,] justifica-se devido à necessidade de aproximação (F4);
- 10) [...] Permitindo[,] também, a abordagem da realidade da educação (F4);



Contudo, este texto se encarregará da análise dos dados concernentes aos aspectos morfossintáticos. Desse modo, as ocorrências deste nível gramatical dizem respeito aos casos de concordância verbal e nominal, de regência nominal e verbal, de colocação pronominal, do emprego da crase e de concordância entre tempos verbais se tornaram objeto do trabalho em questão ao contabilizarem, juntas, 390 (trezentas e noventa) ocorrências. No gráfico 2, a seguir, é possível observar a esquematização desses índices.

**Gráfico 2** – Aspectos morfossintáticos.



**Fonte:** Elaboração própria.

As discussões relativas à concordância verbal são amplamente observadas pela sociolinguística variacionista, tanto em relação à fala popular quanto na presença dessas variantes no discurso da norma culta.

A concordância verbal deve atender à concordância entre o sujeito e o verbo, estando o sujeito explícito ou não, anteposto ou posposto ao verbo, “de modo que, numa sentença com ideia de plural, todos os itens do SN devem trazer marcas explícitas de plural, assim como o verbo com que o SN sujeito se relaciona, que deve vir flexionado em pessoa e número” (ALMEIDA; ANTONINO, 2011, p. 329).

O uso variável da concordância verbal é amplamente observado nas mais diversas variedades do português do Brasil. Naro (1981), ao investigar a fala de cariocas semiescolarizados, encontrou um nível de 52% de não aplicação da regra. Já quando o aumento da escolaridade dos falantes é posto em perspectiva, a porcentagem de não aplicação da regra diminui, como em 27% dos resultados

encontrados por Scherre e Naro (1997), no Rio de Janeiro, 21% para Monguilhott e Coelho (2002), em Florianópolis, e 6% para falantes cariocas do português culto encontrado por Graciosa (1991).



Logo, nota-se, com as pesquisas já feitas no Brasil, que o fenômeno atinge todas as variedades do PB, mas com intensidade diferente. Assim, ainda que os textos aqui em análise sejam construídos utilizando uma variedade culta da língua e com um alto grau de monitoramento, supõe-se que a variação na concordância verbal deva acontecer em algum grau. Desse modo, a hipótese lançada é de que, conforme se avança na escolarização superior, menores seriam os desvios de concordância verbal.

**Tabela 1** – Dados totais do *corpus*.

Semestres	Conc. Verbal	Conc. Nominal	Conjugação de t. verbal	Colocação Pronominal	Regência	Crase	Ocorrências totais
1º	32.7%	17.3%	10.2%	5.1%	16.3%	11.2%	91
3º	34.3%	22.5%	14.7%	0%	9.8%	17.6%	101
5º	49%	20.4%	2%	2%	12.2%	8.2%	46
7º	16.6%	31%	13.1%	3.4%	7.6%	24.8%	140
Total	33.3%	24.1%	11.4%	2.8%	10.9%	17.5%	378

**Fonte:** Elaboração própria.

Dentre os textos analisados no *corpus* deste trabalho, os desvios relativos à concordância verbal, no primeiro semestre, correspondem a 32.7% dos casos, com redução significativa dos desvios para 16.6% no sétimo semestre. A hipótese é de que a diminuição se deve à incorporação de regras do padrão, pela progressão acentuada do curso, e ao tipo de texto produzido pelos alunos do sétimo semestre, o qual, por ser um relatório de estágio, exige uma revisão mais criteriosa.

A presença da não marcação da concordância verbal é recorrente em estudos que utilizam amostras da língua escrita. Utilizando-se de registros acadêmicos mais monitorados até evidências do uso do português popular brasileiro, nota-se que a não marcação de número no verbo é uma variável já sistematizada e presente em contextos canônicos das regras de concordância. Ao buscar sistematizar as variáveis linguísticas condicionadoras da não marcação de concordância verbal, pesquisas, segundo às desenvolvidas por Almeida e Antonino (2011) e Naro e Scherre (1997), descrevem os fatores estatisticamente relevantes para a realização da variável, os quais são encontrados em construções do *corpus* aqui em análise.

A posição, a distância e a existência de constituintes entre o núcleo do SN e o núcleo verbal exercem influência na marcação do plural, assim, quanto mais distante o sujeito está do verbo ou se está depois dele, a tendência é de não marcação da concordância verbal, uma vez que o falante tende a não reconhecer o sujeito como tal. É possível observar tal variável nos exemplos a seguir, retirados do *corpus*.

i) Sujeito anteposto separado do verbo por 5 ou mais sílabas:

11) [...] as obras de Lima Barreto, não só antigamente, mas atualmente, são de grande importância para a cultura brasileira, pois retrata a verdadeira face da sociedade brasileira (F3)<sup>3</sup>;

j) Sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 4 sílabas:

12) [...] são apresentadas as atividades que seria para interpretação textual (F1);

k) Sujeito posposto ao verbo:

13) [...] e que ocorra medidas sociais que ajudem a melhorar as condições de vida dos brasileiros. (F1)

O critério de saliência fônica postula que, quanto menor a diferença entre a forma verbal flexionada e não flexionada, maior será a possibilidade de não marcação de número e pessoa no verbo. Na escala proposta por Naro (1981), os verbos menos salientes correspondem ao acréscimo de nasalização e de segmento no plural. Em contrapartida, os mais salientes envolvem ditongação, mudança de tonicidade, acréscimo e mudança de raiz.

Em nossos dados, ainda que nosso olhar não seja exclusivamente quantitativo, foi possível perceber um número alto de ocorrências em que os verbos menos salientes, conforme a teoria, possibilitam a menor marcação de concordância verbal.

l) Verbos menos salientes:

14) Enfatizando que a cor da pele e o tipo de cabelo define o indivíduo; (F3)

15) Atualmente, nossos alunos tem muita dificuldade para aprender a ler e a escrever; (F1)

16) [...] como uma ação sustentada em fundamentos que engloba os estudos teóricos discutidos na academia. (F7)

Em relação à concordância nominal, há uma gama de trabalhos que se debruçam a estudar, através da sociolinguística quantitativa, tanto em *corpus* da língua oral como da escrita, os motivos que propiciam as ocorrências do fenômeno em questão no português brasileiro. Mobilizados pela não aceitação do fator escolaridade como o único fator responsável por essa variação, estudos como os desenvolvidos por Lopes (2001) e Scherre (1988) apontam que a variação de

<sup>3</sup> O código após os exemplos serve para identificar o gênero (F para feminino e M para masculino) e o semestre em que se encontra o informante da pesquisa (1, 3, 5 ou 7).

número do sintagma nominal é característica de toda a comunidade de fala brasileira por ser, antes mesmo, um indício do processo histórico de formação do português popular brasileiro por marcar os elementos em primeira posição do sintagma.

No que tange a análise dos dados do *corpus* desta pesquisa, há a indicação, como visto na tabela 1, de 17.3% ocorrências de não concordância nominal nos textos escritos do primeiro semestre, em contraposição aos 31% de não realização no sétimo semestre, isto é, um percentual alto de ocorrências da não marcação para um texto formal, escrito por discentes de licenciatura em Letras, dos quais se espera um domínio mais contundente das normas gramaticais, sobretudo a partir da hipótese de que, conforme se avança na escolarização superior, menores seriam os desvios relativos ao padrão.

A partir dessa perspectiva, a pesquisa realizada por Costa (2008), que observou a concordância de número na escrita de alunos da 8ª série e do 3º ano do ensino médio, de uma cidade da Bahia, relatou a não marcação de concordância de número em, respectivamente, 48% e 52% das amostras coletadas. Esse fato demonstra que, embora haja certo avanço da marcação do plural conforme a escolaridade aumenta, a apreensão desse fenômeno na linguagem escrita monitorada não difere dos condicionamentos já existentes em relação à língua falada, ou seja, dos fatores que favorecem ou não a aplicação das regras de concordância.

A partir disso, é possível observar, com base nas pesquisas realizadas e nas análises dos dados, que a marcação da concordância verbal e nominal não sofre influência tão relevante pelo ensino superior. Os resultados obtidos comprovam a interferência da oralidade na produção escrita, mesmo em textos acadêmicos que, supostamente, deveriam se aproximar da norma-padrão idealizada.

Um outro desvio observado foi o da regência verbal, que é definida pela relação sintático-semântica estabelecida entre o verbo e demais termos da oração, em que o verbo exige a presença ou ausência de preposições, seguindo a ordem dos seus argumentos internos e o preenchimento ou não destes. Também levantaram-se os desvios de regência nominal, que se caracteriza pela mesma escolha de preposições a fim de preencher a exigência de um nome, sendo substantivo, adjetivo ou advérbio, por outro que lhe complete o sentido. Em nosso *corpus*, 10,9% dos desvios foram desses dois aspectos gramaticais, conforme se nota no Gráfico 02.

Em relação ao emprego inadequado da regência nos períodos, houve 16,3% de ocorrências no primeiro semestre, ao passo que o sétimo semestre aponta 7,6% de divergências em relação à prescrição gramatical. Desse modo, os resultados obtidos demonstram certa variação quanto ao uso da regência, indicando mais de uma possibilidade de emprego em função dos sintagmas verbais ou nominais. No entanto, pelo fato de grande parte das ocorrências coincidirem com a norma-padrão, é possível observar que o nível de escolarização superior exerce influência, quanto à regência, na escrita dos discentes do sétimo semestre, fazendo estes empregarem grande parte das preposições conforme a regência solicitada.

Essas motivações de uso são impulsionadas por uma concepção mecânica do estudo da gramática, pautada na perspectiva de uso oral, que não promove a reflexão linguística. A partir desse ponto, se faz necessário o pensamento de uma

abordagem de ensino produtivo de gramática, que alie os conhecimentos metalinguísticos e epilinguísticos do aluno (FREITAG, 2015), a fim de uma priorização do viés sintático-semântico do aprendizado da regência. Em relação às ocorrências, merece destaque a forma verbal “visar” e a utilização arbitrária das preposições “a”, “para” e “em”, ilustrados com exemplos retirados do *corpus*.

- 17)[...] É ensinado para eles o português, língua do dominador. (M5)  
 18)[...] O Conto A Barganha foi publicado, conforme a seleção do autor na obra, [em] histórias e sonhos 1ª edição, 1920; (F3)  
 19)[...] É essa intenção em que o autor deixa para os leitores (M3)  
 20)[...] responsáveis pela propagação e pela formação ao português geral brasileiro (M5)  
 21)[...] pois o mesmo visa Ø fortalecer a relação teoria e prática (F7)  
 22)[...] pois visa Ø colocar o estudante de licenciatura em contato com a prática docente (F7)

No que concerne aos desvios relativos à colocação pronominal, a análise do corpus indicou, como apontado no gráfico 2, um baixo nível de ocorrência, cerca de 5,2%. Correspondendo à posição empregada dos pronomes pessoais oblíquos átonos em relação aos demais elementos do sintagma, os dados demonstraram maior realização de ênclise quando, segundo a norma-padrão, havia termos atratores para a realização da próclise.

Desse modo, a recorrência desses desvios pode ser justificada pelo fenômeno da hipercorreção, em que falantes, por incorporarem em seus discursos a forma enclítica como detentora de maior prestígio, utilizam-na arbitrariamente.

- 23) A leitura está presente na vida do ser humano há milhares de anos, desde que iniciou-se a sua forma de escrita nas paredes das cavernas, representando animais e cenas do seu cotidiano. (F1)  
 24) [...] leva o indivíduo a não alfabetizar-se e, não sabendo ler, fica impossibilitado de entender; (F1)  
 25) A avaliação conceitual dá muito mais coerência ao processo de aprendizagem por não torná-lo apenas um dado numérico; (M7)  
 26) Aos queridos e inesquecíveis alunos do 2º ano B, que, direta e indiretamente, auxiliaram-nos nesse aprimoramento profissional; (F7)

No trabalho em questão, a crase, conforme definido por Cegalla (2010), é um fenômeno fonético, marcado pelo acento grave, em que duas vogais se fundem em uma só, ou seja, ocorre a fusão da preposição “a” com o artigo feminino ou o pronome demonstrativo “a” ou “as”. Em relação às ocorrências inadequadas no *corpus*, cerca de 17,5% de marcações, infere-se que houve a presença indevida ou ausência do acento grave motivado pelo engano ou desconhecimento da regência verbal ou nominal. Desse modo, os exemplos a seguir ilustram os desvios existentes.

- 27)[...] incentivo a leitura e a interpretação de texto nas escolas; (F1)

- 28)[...] a prática da leitura refere-se tanto das informações presentes no texto, como as informações que o leitor trás consigo; (F1)  
no que refere as prática pedagógicas em sala de aula. (M7)
- 29)A leitura vai muito além dos livros didáticos, vai do jornal a revista; (F1)
- 30)As línguas indígenas se misturam a estrutura do português europeu (M5)

Por fim, as ocorrências relativas à ausência de concordância entre tempos verbais nos sintagmas do *corpus*, cerca de 11,4% de marcações, relacionam-se a uma necessidade da norma-padrão de, em um texto, haver paralelismo. No caso do *corpus*, os tempos verbais se destoaram em suas flexões de modo e tempo, não estabelecendo a correlação verbal.

- 31) Seguindo a linha do construtivismo, a criança traz com ela conhecimentos prévios e quanto mais estímulo ela ter antes de entrar na escola; (F1)
- 32) Este conhecimento prévio é de fundamental importância para que os pais e professores ajudem as crianças; (F1)
- 33) Percebe-se claramente que o professor domina muito bem os assuntos trabalhados, usava uma linguagem gramaticalmente correta, mostrou-se dinâmico e soube apresentar explicações coerentes referentes aos conteúdos, de forma clara e contemporânea, além disso, buscava a participação dos alunos por meio de questionamentos e comentários. (F7)

Logo, diante da análise de dados, é possível perceber que, mesmo com o avanço dos semestres da graduação, as mudanças na escrita de um português em um contexto monitorado, como nos trabalhos acadêmicos, não são suficientes para atingir os ideais de uma norma culta.

Sob esse prisma, ainda em seu livro *Norma Culta Brasileira* (2008), Carlos Alberto Faraco aponta os contras da norma-padrão ao afirmar que se trata de um relativo processo de apagamento dialetal decidido por indivíduos letrados que, como variedade linguística, se aproximam da norma-culta. Portanto, para atingir essa proposta de unificação normativa, objetos foram utilizados como instrumentos coercitivos. O uso de dicionários e gramáticas possuiu o intuito de padronizar tanto a escrita, quanto a fala dos indivíduos, partindo de um ideal a ser seguido a partir da adequação aos preceitos estabelecidos.

Logo, é recorrente a confusão terminológica envolvendo os conceitos de norma gramatical, padrão e culta como se fossem sinônimos perfeitos que condizem ao modo correto de empregar a língua tanto pela escrita, quanto pela oralidade. Faraco (2008, p. 98) atribui essa confusão à popularização da “norma curta”, isto é, “as condenações arbitrarias que não observam os fatos, não acompanham a dinâmica da língua, que desconhecem as pesquisas contemporâneas da nossa realidade linguística e os estudos consolidados nos bons instrumentos normativos”. Dessa forma, portanto, é evidente que, para descrição e registro dos fatos da norma, cabe aos dicionários e gramáticas sérias e consagradas

observarem a dinâmica da língua e seus processos de variação, uma vez que as regras se adequam ao uso da língua.

### Considerações finais

No decurso da presente pesquisa é possível acompanhar a discussão teórica que afirma a posição da norma culta como uma variedade utilizada em contextos mais monitorados de uso da língua, pertencente a certos segmentos sociais em diferentes circunstâncias, ao passo que a norma-padrão figura como um construto sócio-histórico norteador para um processo de uniformização linguística, isto é, como “uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção.” (FARACO, 2008, p.73)

Sob esse prisma, partindo da noção da norma culta ser uma variedade linguística passível de interferências sociais, é possível reafirmar, de acordo com os variados estudos existentes sobre língua e variação, que há um notável distanciamento entre esta e a norma-padrão, bem como os instrumentos normativos/prescritivos.

O presente trabalho, durante a análise de dados do *corpus*, por verificar um maior número de ocorrências morfossintáticas, se dedicou a analisá-las como objeto de pesquisa. Assim, o aumento do índice, quando postas em comparação às ocorrências dos semestres iniciais e finais, da não realização de concordância, da ausência de paralelismos coesivos e da não marcação da crase em textos escritos por estudantes universitários do curso de Letras, demonstra que, embora a norma culta seja a mais próxima da idealização proposta pela norma-padrão, as tendências históricas que operam historicamente a favor da variação e mudança promovem um natural afastamento entre as normas citadas.

Para tanto, apesar dos longos anos de estudo formal, constata-se que o ensino universitário não possui todo esse peso que se julga ter na construção desta norma culta. No entanto, enquanto pesquisadoras e professoras em formação, cabe, a partir dos resultados alcançados, reconhecer os mecanismos que contribuem para a realização das variantes observadas a fim de que, desta forma, haja a compreensão dos pontos que dificultam um aprendizado efetivo das prescrições morfossintáticas e, por conseguinte, ocorra, durante o letramento e em âmbitos escritos e orais, a promoção do acesso a estas regras que não são vernaculares para grande parte dos discentes.

---

### Referências

---

ALMEIDA, G; ANTONINO, V. A concordância verbal de terceira pessoa do plural em produções escritas de estudantes universitários. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 8, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7972>. Acesso em: 22 out. 2022.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

COSERIU, Eugênio. Sistema, Norma e Fala. In: COSERIU, Eugênio. *Teoria da linguagem e linguística geral* (cinco estudos). Rio de Janeiro: Presença, 1979. p. 13-85.

COSTA, Maria Tereza Borges da. Variação da concordância nominal no sintagma nominal: um estudo na escrita de alunos do município de Ribeira do Pombal – Bahia. In: MOURA, Denilda (org.). *Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita*. Maceió: EDUFAL. 2008. p. 567-570.

DUARTE, S. A noção de norma linguística segundo Eugênio Coseriu. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 155-164, 2001.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Ensino produtivo de gramática. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; DAMACENO, Taysa Mércia dos Santos Souza (org.). *Livro didático – gramática, leitura e ensino da língua portuguesa: contribuições para prática docente*. São Cristóvão: EdUFS, 2015. p. 11-18.

GRACIOSA, D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

LOPES, N. S. *Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

LUCCHESI, D. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. v. 1.

MOLLICA, Cecilia. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MONGUILHOTT, I.; COELHO, I. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 189-216.

NARO, A. J. *The social and structural dimensions of a syntactic change*. Language. LSA, 1981.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil um caso típico de variação inerente. In: HORA, D. da (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 93-114.

---

### Para citar este artigo

---

BARDINI, Gyovanna; ANTONINO, Vivian. Sob a ótica da norma culta: um estudo de aspectos morfossintáticos na escrita de estudantes universitários. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 90-106, jan.-abr. 2022.

---

## As autoras

---

**Giovanna Bardini** é estudante do curso de Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Bolsista de iniciação científica pela UESB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2112-9589>.

**Vivian Antonino** é professora adjunta da UESB, *campus* Jequié, mestre e doutora em Letras e Linguística, com atuação em Sociolinguística e Língua Portuguesa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7880-7256>.